

## O CONFRONTO ENTRE HERÓI E ANTI-HERÓI EM CONTOS NATIVO AMERICANOS CONTEMPORÂNEOS

Janice Cristine Thiél  
PUCPR

Ler a história de um povo é ler os discursos que constroem sua identidade. Documentos históricos, crônicas de viagem, textos legais ou textos literários são portadores de um juízo de valor por parte dos cronistas, legisladores ou narradores, valores estes que são formadores de uma comunidade interpretativa. Ler os discursos de um povo é ler também seus silêncios, as lacunas discursivas resultantes de uma construção de identidade que envolve inserções e exclusões. Neste espaço lacunar encontramos, então, os textos produzidos pelos indígenas ou americanos nativos.

Silenciados desde o descobrimento, construídos pela visão e pela voz do outro, finalmente, no século XX, os americanos nativos constroem sua identidade através de contra-narrativas que desmistificam a imagem do índio criada pelo branco. Embora tenha sido negada ao americano nativo a voz para *significar* sua presença e contribuição para a história americana, tanto no Brasil quanto em outros países, o nativo *significou* primeiro em seu silêncio, muitas vezes de resistência, e mais recentemente, *tem significado* através de uma produção literária crescente e enriquecedora.

Desde o “descobrimento”, a existência indígena tem sido registrada basicamente pelo outro, havendo uma mediação na qual o indígena passa de sujeito a objeto, sofre manipulação e tem a sua voz alterada a fim de adequar-se a conceitos etnocêntricos, pré-concebidos pelo branco conquistador. Isto fica claro ao lermos *A Conquista da América*:

a questão do outro, de TODOROV (1999), obra que enfoca a chegada à América de Cristóvão Colombo e como os primeiros contatos com os indígenas americanos marcariam toda uma

história e percepção limitada e limitante do *outro*. Em várias passagens percebemos que Colombo, assim como Caminha ao chegar ao Brasil, preocupa-se em registrar a beleza da paisagem americana e de seus habitantes, parte da paisagem e objeto de apreciação, mas não sujeitos capazes de uma produção cultural, pois, “físicamente nus, os índios também são, na opinião de Colombo, desprovidos de qualquer propriedade cultural...”<sup>1</sup>

Obviamente, está implícita nesta frase a idéia de que Colombo projeta nos índios americanos seus próprios conceitos de cultura e suas expectativas como europeu. Escapa-lhe o fato de que cultura, entendida como “o conjunto de práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social”,<sup>2</sup> não constituía um privilégio do europeu. Dentro de uma concepção de mundo etnocêntrica, o indígena é transformado em espécime e é visto como pacífico ou selvagem a ser pacificado, conforme a perspectiva parcial do colonizador:

Colombo declara de cara que são gente boa, sem se preocupar em fundamentar sua afirmação. ‘São as melhores gentes do mundo, e as mais pacíficas.’ (16.12.1492)

... no momento em que conhecer melhor os índios, cairá no outro extremo, que não tornará sua informação mais digna de fé: vê-se, naufrago na Jamaica, ‘cercado por um milhão de selvagens cheios de crueldade, e que são hostis. (“Carta Rarissima”, 7.7.1503)<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a questão do outro*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. P.42

<sup>2</sup> BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 16

<sup>3</sup> TODOROV. op. cit. p. 44

Os extremos verificados por Colombo persistem nos estereótipos, no imaginário branco acerca do índio e na construção das imagens de heróis e anti-heróis retratados nas literaturas brasileira e norte-americana. Tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos foi sendo construída, principalmente a partir do século XIX, a imagem do pioneiro corajoso, desbravador, justo, e a imagem do índio selvagem, violento, impiedoso. No Brasil, este processo levou à idealização do bandeirante, do explorador e, nos Estados Unidos, à idealização do pioneiro, do soldado da cavalaria e do cowboy. Além disso, percebe-se que o mito da fronteira e sua expansão tem dominado o imaginário, remetendo à história de sucesso do homem branco e, nesta construção de história, o índio aparece geralmente como barreira ao avanço da “civilização”. É claro que os índios, assim como os negros, foram excluídos da galeria de heróis cuja imagem construída visa a enaltecer a ideologia colonizadora dominante. O elemento nativo, dentro de um movimento de expansão, é retratado como colaborador ou contestador, sempre caracterizado mediante a ótica do branco.

Herói e anti-herói são construídos no imaginário branco e na literatura de tradição ocidental a partir de um posicionamento ideológico. Sob a perspectiva colonizadora, a imagem do herói surge de forma a privilegiar o conquistador europeu, desbravador de espaços selvagens e elemento civilizador, defensor da lei e da fé cristã. Contudo, uma releitura deste modelo faz-se necessária, principalmente em face da produção literária nativo americana contemporânea e de um discurso que emerge em um espaço suplementar no qual há um acréscimo à grande narrativa. Este acréscimo sugere um nivelamento, um preenchimento de pontos de vista subtraídos da história e da literatura devido à uma visão limitada do *outro*. Desta forma, proponho a análise de

dois contos produzidos por escritores nativo americanos, “O menino que não sabia sonhar”<sup>4</sup>, escrito por Daniel Munduruku, e “The Lone Ranger and Tonto fistfight in heaven”<sup>5</sup>, de Sherman Alexi, a fim de examinar como herói e anti-herói surgem no discurso das margens e até que ponto os modelos apresentados pela ideologia dominante são desmistificados.

Em “O menino que não sabia sonhar” percebe-se a construção de um personagem, um menino, que nasce como herdeiro e guardião da cultura da tribo Munduruku. O início do conto traz um subtítulo, *O Escolhido*, o que remete à caracterização deste personagem como alguém cujo destino é especial. Este destino é percebido pelo pajé, a quem foi revelado em sonho que seu povo sobreviveria graças a este nascimento. O menino recebe o nome de Kaxi e aprende desde cedo não somente a respeito dos costumes de seu povo, mas também sobre as forças negativas que poderiam levar ao Jay. *The Penguin Book of New American Voices*. London, New York: Penguin, 1995 extermínio e sobre o discurso manipulador do branco. Kaxi participa da vida social de sua tribo, aprende a realizar tarefas ao lado de homens e mulheres, integra-se à vida da tribo, enquanto prepara-se para assumir seu papel como futuro pajé. Aprende a usar armas fabricadas por ele mesmo e também a respeitar o espaço no qual se vê inserido. Através da observação, é instruído sobre “os feitos maravilhosos dos heróis criadores da humanidade”<sup>6</sup>, sobre os antepassados e os vários rituais que cercam a vida da tribo. Finalmente, o pajé sente que é preciso que Kaxi seja preparado para enfrentar o perigo que o confronto com o branco representa e, após outro sonho, mostra a Kaxi que sua juventude de guerreiro aliada à sabedoria dos velhos ajudaria seu povo a resistir. O menino é, então, iniciado, precisando provar à tribo que

---

<sup>4</sup> MUNDURUKU, Daniel. *Histórias de Índio*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2001

<sup>5</sup> ALEXIE, Sherman. The Lone Ranger and Tonto fistfight in heaven. In: McINERNEY,

<sup>6</sup> MUNDURUKU. op. cit. p. 18

é um homem, o que é feito através de um teste de maturidade: ele permaneceria sozinho na floresta por alguns dias, dela tiraria seu sustento, e voltaria para casa um bravo, trazendo caça grande como alimento para todo o povo.

Contudo, Kaxi teria mais um desafio: aprender a sonhar, ou seja, ler os seus sonhos e os sonhos da comunidade de forma a ajudar sua tribo. Isto acontece no final do conto, quando Kaxi sonha que encontra o pajé e que este o conduz pelos caminhos do sonho. Transformando-se em diversos animais, Kaxi sonha que percorre a floresta amazônica, sente a dor e o sofrimento da floresta e do índio que entra em contato com o branco, vê o Grande Espírito ser banido e substituído por símbolos cristãos e vê os índios atirados ao chão, derrubados pelo alcoolismo. Finalmente, Kaxi acorda e tem consciência de seu papel como condutor de seu povo “rumo ao futuro e à sua sobrevivência.”<sup>7</sup>

O conto “O menino que não sabia sonhar” parece-me propor um modelo de herói que ainda está por vir, ou seja, está sendo construído para o futuro. Sob a perspectiva do colonizado, vê-se um herói que questiona a invasão de suas terras pelo branco, a aculturação e destruição de seu povo. Este personagem rejeita a subordinação de seu povo a hábitos ocidentais, envergonha-se ao ver seu povo submetido à humilhação de usar roupas para cobrir o corpo, ao vê-lo levado a desenvolver um sentimento de culpa por ter nascido selvagem e aceitar mentiras do não-índio para salvar sua alma. Além disso, é possível a leitura de um herói preocupado com a ecologia e que usa como armas para defender seu povo não somente arco e flecha, mas também o poder do sonho e a capacidade de interpretá-lo. Considerando-se as características acima apontadas, este herói pode ser classificado como pertencente a uma narrativa que não apoia o *status quo*, pois a narrativa e os aspectos constitutivos deste herói visam a propor uma modificação desta situação

---

<sup>7</sup> Ibid., p. 32

dominante. Por sua vez, o *status quo* pode vir a constituir, neste conto, o papel de anti-herói, pela força de todo o sistema de crenças e hábitos do colonizador impostos ao “selvagem” e por indicar a destruição da cultura indígena.

Além dos elementos já apontados, ainda é preciso observar que a narrativa discutida e a construção deste “herói” indígena guardam semelhança com o herói da grande narrativa ocidental. Esta observação parece-me pertinente devido à inserção da narrativa indígena em uma tradição literária ocidental, sendo produzida na língua do colonizador, o português, utilizando convenções literárias da tradição ocidental e remetendo a referentes comuns desta tradição. Desta forma, a construção de Kaxi sugere uma aproximação a aspectos constitutivos do herói clássico, graças a sua caracterização como “o escolhido”, aquele que cumpre um destino especial, recebe uma missão, passa por provas que demonstram sua bravura, utiliza-se de armas para sua defesa e supera os obstáculos e o inimigo. Kaxi cumpre todas estas funções, com exceção da última, a qual surge como promessa e como esperança para o futuro. Ao leitor, provavelmente aquele que pertence à cultura dominante, cabe também sonhar e preencher as lacunas e questionamentos deixados pelo herói ao final do conto.

Por sua vez, o conto de Sherman Alexie, escritor Spokane/Coeur d’Alene, “The Lone Ranger and Tonto fistfight in heaven”, apresenta já em seu título o confronto entre o herói branco (o cavaleiro solitário) e o índio (o companheiro do cavaleiro), embora estes constituam uma dupla que luta lado a lado para defender os mais fracos. O título deste conto sugere uma luta no céu entre aqueles que seriam companheiros de aventuras. A luta não é constituída, necessariamente, pela batalha dos tempos da expansão de fronteiras nos Estados Unidos, quando os índios eram expulsos de suas terras e conduzidos para reservas; a luta sugerida neste texto parece-me ser muito mais entre discursos, uma luta onde palavras e olhares mostram-se mais dolorosos que

pontas de espada. Quanto ao espaço onde esta luta acontece, o céu, este pode remeter ao espaço da civilização, ao espaço das grandes oportunidades e da realização, mas somente para aqueles que pertencem ao sistema dominante ou submetem-se a ele.

O personagem central deste conto não recebe um nome, mas é descrito como tendo pele escura e longos cabelos negros, alguém com “potencial.” Ele é suspeito antes mesmo que qualquer crime aconteça e não se encaixa no perfil de uma área residencial pela qual passeia no início da narrativa. A este personagem fica claro que ele não é bem vindo, que ele não pertence ao ambiente onde escolhe residir; ele é um *outcast*, um nativo americano visto como *outsider* naquele que foi um dia o seu território. Este personagem, acostumado a ser tratado segundo o estereótipo do “selvagem”, até mesmo brinca com o imaginário branco e com o perigo que sua presença sugere para o homem “civilizado”:

“Pretty hot out tonight?” he asked, that old rhetorical weather  
bullshit question designed to put us both at ease.

“Hot enough to make you go crazy,” I said and smiled. He  
swallowed hard like a white man does in those situations. ...”<sup>8</sup>

O nativo americano do conto de Alexei, personagem central e narrador, ao brincar com o estereótipo, mostra quão presente este ainda é, apesar de todas as transformações da sociedade americana. Este índio não nominado, e que pode ser visto como o representante de todo e qualquer índio, mora em Seattle com uma mulher branca, tem formação universitária, jogou basquete na escola e constitui um novo tipo de guerreiro, alguém que poderia ser bem sucedido e ir mais longe que outros índios da reserva. Contudo, este personagem que possui aparentemente

---

<sup>8</sup> ALEXEI, op. cit. p. 5

tudo para aproximar-se da figura de um herói que vence o sistema, ou poderia utilizá-lo para superar os estereótipos, aprende também a fazer e quebrar promessas, aprende a passar o tempo assistindo novelas e *game shows*, procurando sub-empregos, bebendo, isolando-se e entristecendo.

Portanto, o texto de Alexei parece propor que o Cavaleiro Solitário e Tonto, o justiceiro e o índio domesticado, convivem lado a lado. Em um primeiro momento, a figura do Cavaleiro Solitário parece remeter à mulher com quem o personagem principal, “Tonto”, tem um relacionamento e com quem discute. Aqueles que seriam parceiros agem, então, como lutadores e “Tonto” é ferido pelo discurso da mulher que diz amar:

“You’re just like your brother,” she’d yell. “Drunk all the time and stupid.” ...

She and I never tried to hurt each other physicaly. I did love her, after all, and she loved me. But those arguments were just as damaging as a fist. Words can be like that, you know? ... She knew exactly what to say to cause me the most pain.<sup>9</sup>

Em um segundo momento, entretanto, as figuras do Cavaleiro Solitário e Tonto podem ser constituintes do mesmo personagem. O nativo americano isolado, “solitário”, incorpora a figura do herói justiceiro ao retornar à sua reserva e buscar, através de um jogo de basquete, a vitória frente a um jogador branco que representa o poder. Contudo, este herói é incapaz de superar o homem branco; o personagem perde o jogo, destruído pelo sistema e por ele mesmo. Tonto submete-se ao domínio do branco, aceita o papel de “ajudante” ou “coadjuvante” assim como

---

<sup>9</sup> ALEXEI, op. cit. p. 6



aceita um emprego em uma escola, no setor de intercâmbio, atendendo o telefone e imaginando se a pessoa do outro lado reconhece sua origem. Herói e anti-herói parecem travar uma batalha dentro do próprio personagem e o indígena visível que assustava os personagens brancos em Seattle recolhe-se e torna-se invisível na reserva, desaparece ao confundir-se com outros como ele e ao afastar-se do espaço da conquista do branco.

É importante ressaltar que o nativo americano do conto de Alexei também sonha, assim como o personagem do conto de Daniel Munduruku. Contudo, enquanto Kaxi sonha a fim de desvendar o que está por vir, o nativo americano do conto de Alexei tem pesadelos, nos quais a mulher branca é a esposa de um missionário e ele é um chefe índio. Quando o relacionamento deles é descoberto, ele é morto, sua tribo ataca os brancos e ele vê, fora de seu corpo, como brancos e índios matam uns aos outros. A guerra intensifica-se, envolve outras tribos e a cavalaria norte-americana, até o ponto em que soldados jogam polo com a cabeça de uma índia morta. O narrador acorda deste sonho aterrorizado e não consegue mais dormir pois sabe como seus sonhos terminam.

Sonhos estão presentes nos dois contos analisados, mas sua manifestação e leitura podem variar de acordo com a experiência e expectativa de cada personagem e do lugar ou entre-lugar onde estes personagens constroem suas identidades. Kaxi olha para frente, para o futuro, com olhos de menino e também de alguém escolhido para proteger seu povo; o menino-homem sabe o que possivelmente seu povo enfrentará, mas o futuro é incerto. Kaxi ocupa o espaço entre o presente do sonho de alerta, de conscientização, e o futuro que pode ser alterado. Quanto ao personagem criado por Alexei, este olha para trás, para suas expectativas e frustrações, para o preconceito e a solidão, encontrando-se entre o que poderia ter sido e o que é, entre o espaço da

cidade e da reserva, entre o espaço do residir e do viver, espaço que o personagem carrega sempre em seu interior.

Concluindo, pode-se dizer que as narrativas apresentadas, narrativas das margens, apresentam a construção de heróis ainda incertos quanto ao lugar que ocupam em um universo dominado pelo colonizador. Estes heróis enfrentam desafios exteriores, quando a ideologia dominante precisa ser contestada, e desafios internos, quando suas frustrações e temores precisam ser vencidos. Os heróis indígenas sonham, com o passado e com o futuro, sinalizam uma releitura dos modelos construídos através dos tempos e, principalmente, conduzem a um questionamento do lugar a ser ocupado por índios e brancos, povos e culturas diversas em um mundo onde a construção da identidade do outro conduz à percepção de como a identidade própria do indivíduo é construída.